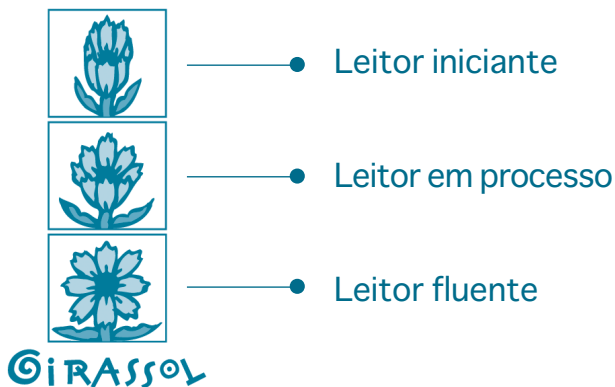




LÚCIA PIMENTEL GÓES

Falando pelos cotovelos

ILUSTRAÇÕES: NEGREIROS

---

PROJETO DE LEITURA

Maria José Nóbrega  
Rosane Pamplona

---

# De Leitores e Asas

---

MARIA JOSÉ NÓBREGA

“Andorinha no coqueiro,  
Sabiá na beira-mar,  
Andorinha vai e volta,  
Meu amor não quer voltar.”

[                      ]

N uma primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

Sei que a andorinha está no coqueiro,  
e que o sabiá está na beira-mar.

Observo que a andorinha vai e volta,  
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor-de-cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff\*, a partir de onde estão seus pés e do que vêem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

---

\* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

## [ ]

### DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

#### — UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

#### — RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

#### — COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos lingüísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

#### — PROPOSTAS DE ATIVIDADES

##### a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ü Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ü Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ü Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

#### b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ü Leitura global do texto.
- ü Caracterização da estrutura do texto.
- ü Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

#### c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ü Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ü Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ü Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ü Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ü Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

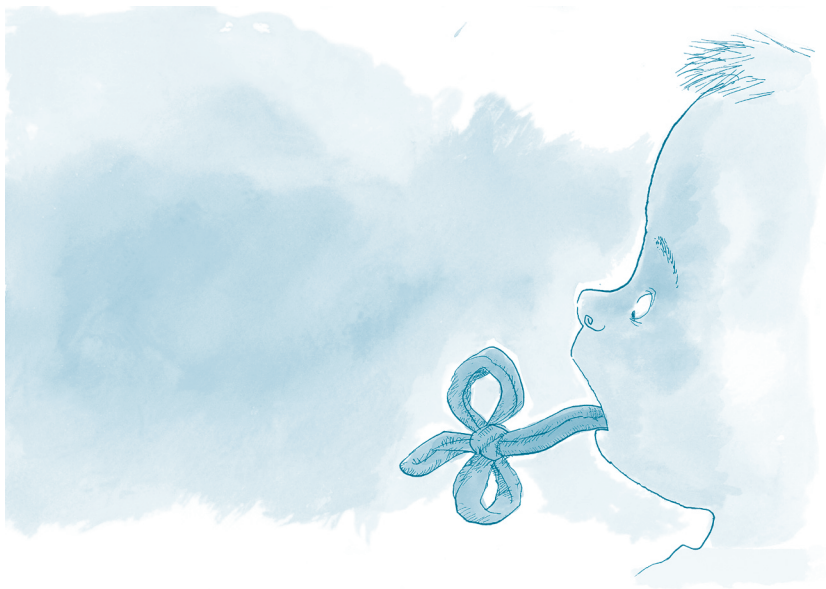
#### — LEIA MAIS...

- ü do mesmo autor
- ü sobre o mesmo assunto
- ü sobre o mesmo gênero



# Falando pelos cotovelos

LÚCIA PIMENTEL GÓES



## UM POUCO SOBRE A AUTORA

Lúcia Pimentel Góes nasceu em Amparo e cresceu em Vera Cruz, cidades do interior de São Paulo. Tudo começou, segundo ela, na sua infância, explorando um quintal mágico cheio de plantas, bichos e, principalmente, junto a sua inseparável mangueira. Nela, aconchegada em três de seus galhos em forquilha, leu os contos maravilhosos, Lobato, Érico Veríssimo. Seu primeiro livro, *Reinações de Míche e Lucita*, saiu em 1969. Já era formada em Música pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e em Direito pela Universidade de São Paulo, quando palestras provocadas pela repercussão de seu primeiro livro levaram-na de volta à universidade para dedicar-se à literatura. Hoje, é professora livre-docente e associada da Faculdade de Letras da USP, beneficiando-se do convívio gratificante com colegas professores, escritores, ilustradores, alunos de todas as idades, no Brasil e no exterior. Leu, lê, estudou, estuda muito. Estudar para ela é descobrir a aventura de viver e espantar-se com os mistérios dessa imensa casa que é a Terra, em meio a um (ou vários) Universos. Gostaria de ver no Brasil

uma escola alegre, fascinante para todas as crianças e jovens. Tem mais de uma centena de livros publicados. Recebeu diversos prêmios, entre eles o Prêmio Especial de Literatura Infantil de 1990, concedido pela APCA — Associação Paulista de Críticos de Arte — pelo conjunto de sua obra. Em 1999, completou 30 anos de vida entre livros, histórias e leitores de todas as idades.



## RESENHA

Rui fica muito encafifado quando a avó lhe diz “não vá esfolar o pé da mesa!”, e logo depois avisa que “vem vindo um pé-de-vento”. A mãe, para complicar, ainda acrescenta: “Vá num pé e volte noutro!”. É muito pé para a cabecinha de Rui. Assim não dá pé! Onde estará a cabeça do alho que a mãe mandou buscar? E a coitada da irmã, que tem que fazer boca de siri? Isso sem falar na cabeça dele que, alguém falou, está nas nuvens. Ai, meu Deus, será que ninguém fala coisa com coisa? E, de confuso, o pequeno passa a assustado, achando que a avó vai espetá-lo e assá-lo na brasa só porque tirou notas baixas. Rui chora, a mãe põe a culpa nos filmes de horror da televisão e explica que ele não pode levar tudo ao pé da letra. Mas a avó se zanga com ele. “Não tem jeito”, se conforma o menino. “Eles têm que falar comigo como se eu fosse do tempo da onça!”



## COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Pé de mesa tem dedão? Quantos pés tem o vento? Alguém já viu a cabeça do alho? Essas e outras questões divertidas são levantadas pelo garoto protagonista da história, que leva ao pé da letra as expressões populares (“Vá pentear macaco!” “Vá num pé e volte noutro!”) e outras manifestações da linguagem figurada, como as metáforas (fome de leão), as catacreses (pé da mesa, cabeça de alho), as hipérboles (praga de arrepiar cabelos, dar nó na língua) e os provérbios (“Gato escaldado tem medo de água fria”; “É de pequenino que se torce o pepino”). As confusões que o menino faz são um divertido estímulo para o pequeno leitor se conscientizar das possibilidades inesgotáveis de uso da língua, e um incentivo para novas e saborosas descobertas.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Educação Artística

Temas transversais: Pluralidade Cultural

Público-alvo: Leitor em processo



## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

### Antes da leitura:

1. Discuta com a classe o título do livro: Falando pelos cotovelos. O que quer dizer “falar pelos cotovelos”? Ampliar, conduzindo para uma reflexão, sobre o sentido literal/sentido figurado. Mas será que cotovelo fala? Tem boca? Tem língua? Por que será que a gente diz isso? Alguém se lembra de outra expressão com cotovelo? (“Dor de cotovelo”, por exemplo.).

2. Verificar se eles conhecem algum provérbio. Qual? Explicar que provérbios ou ditos populares são frases — geralmente de estrutura binária, ou seja, com duas partes — que encerram um ensinamento, crenças e valores de um povo. Esclarecer o significado daqueles que eles próprios trouxeram espontaneamente e de mais um ou dois exemplos entre os que estão no livro. Sugestões:

Cão que ladra não morde.

Em casa de ferreiro, espeto de pau.

Macaco velho não mete a mão em cumbuca.

Um trabalho mais aprofundado pode ser desenvolvido depois da leitura do livro.

### Durante a leitura:

1. Antecipar aos alunos que o texto trará muitas outras expressões como as do título. Orientá-los para que tentem identificá-las e que anotem as que não entenderam.

2. Peça para observarem como as ilustrações produzidas por Negreiros traduzem o sentido literal das expressões e provérbios, mostrando as confusas interpretações que Rui produz a respeito do que a avó e a mãe falam.

### Depois da leitura:

1. Faça, junto com os alunos, um levantamento de todas as ocorrências de expressões populares e provérbios que aparecem no texto, e aproveitem para observar quais foram ilustrados. Solicite que expliquem oralmente o que querem dizer. Assim, você terá oportunidade de esclarecer dúvidas.

2. Proponha que, durante a semana, recolham expressões desse tipo, prestando atenção ao que ouvirem na rua, em casa, nos comerciais de tevê etc.

3. Peça que cada aluno escolha uma das expressões pesquisadas e a ilustre como fez Negreiros para as do livro. Promova depois uma exposição dos trabalhos chamada “Ao pé da letra”.

4. Pé de mesa, céu da boca são catacrese, expressões metafóricas que já caíram em domínio público, isto é, já se transformaram em nome popular para o que designam. Fazer com a classe um levantamento de outras (sugestões: asa da xícara, pé da montanha, boca da noite etc.). Há uma canção de Renato Tapajós, interpretada pelo conjunto MPB 4, que brinca com isso: “Composição estranha”, CD Adivinhe o que é, selo Poligram.

5. Desenvolva com a classe o trabalho com os provérbios, pedindo que procurem outros junto aos familiares ou mesmo em livros que os relacionem, como O livro dos provérbios, ditados populares e anexins, de Ciça Alves Pinto, da Editora SENAC, São Paulo. Esclareça o seu significado, pois nem todos são fáceis de entender.

6. Brincando de encontrar o par

Aproveitando a estrutura binária dos provérbios, escreva-os em tiras de cartolina e recorte-os separando suas duas partes. Depois, embaralhe as tiras e peça que os alunos encontrem o par. Exemplos:

|                     |                  |
|---------------------|------------------|
| Em boca fechada     | nada tem.        |
| Quem tem pressa     | espeto de pau.   |
| Quem tudo quer      | não entra mosca. |
| Em casa de ferreiro | come cru.        |

Uma outra proposta seria a de simplesmente completar os provérbios que eles já trabalharam. Sugestão:

Quem não tem cão .....

Filho de peixe .....

De grão em grão, .....

7. Verificar se eles prestaram atenção que um dos provérbios que aparecem no texto (“Macaco velho não bota a mão em cumbuca”) foi modificado pela avó: “Sou macaca velha e ainda boto a mão em cumbuca!” A mudança provoca, evidentemente, uma alteração de sentido. O que a avó quis dizer com aquilo?

## 8. Jogos de mímica

Organize a classe em grupos. Sorteie um provérbio para cada um. O grupo deverá apresentá-lo sem usar palavras, apenas recursos teatrais, como mímica ou ruídos. A classe deve adivinhar de que provérbio se trata.



LEIA MAIS...

### 1. DA MESMA AUTORA

- Reinações de Míchi e Lucita — São Paulo, Editora Pioneira
- Dei com uma porta e... — São Paulo, Editora Melhoramentos
- Trim — São Paulo, Editora Melhoramentos
- Lilica, a formiguinha lírica — São Paulo, Edições Paulinas
- Dráuzio — São Paulo, Edições Paulinas
- O circo chegou — São Paulo, Editora Scipione

### 2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

- Sem pé nem cabeça — Elias José, Belo Horizonte, Formato
- Nós e os bichos — Marcelo R. L. Oliveira, São Paulo, Companhia das Letrinhas